

TELAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA E TECNOLOGIAS COM UMA TURMA DE BERÇÁRIO

SABRINA BARROCAS MILECH¹; FERNANDA DUTRA SILVEIRA²;
HARDALLA SANTOS DO VALLE³; RODRIGO DA SILVA VITAL⁴:

¹*Universidade Federal de Pelotas – sabrinabmilech@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – ffnanda.silveira@yahoo.com.br*

³*Universidade Federal de Pelotas – hardalla.valle@ufpel.edu.br*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – rodrigosvital@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre o uso de telas em escolas de educação infantil (EMEI), partindo das observações de bolsistas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, BNCC (BRASIL, 2018) é por meio de interações e brincadeiras que as crianças constroem e apropriam-se de novos conhecimentos, com professoras e professores sendo responsáveis por possibilitar que as crianças interajam, criem e experimentem, das mais diversas formas, com os materiais ou recursos de aprendizagem.

A atuação das bolsistas ocorreu em uma EMEI da cidade de Pelotas - RS, em uma turma de berçário. Além do planejamento prévio com a equipe diretiva da escola, houve o trabalho de observação participante que, por definição, envolve um processo de diálogo entre pesquisador e participantes, visando não apenas conhecer, mas transformar a realidade investigada (BRANDÃO, 2007). Somado a isso, a perspectiva participativa da pesquisa ou pesquisa-ação, busca identificar os problemas coletivamente, podendo propor mudanças a partir da implicação dos sujeitos no processo investigativo (THIOLLENT, 2011). Por fim, também nos embasamos no livro Observação Registro e Reflexão Instrumentos Metodológicos (FREIRE, 1996), considerando a reflexão e demais atributos das professoras com quem nós interagimos na sala referência.

A partir disso, nós tivemos a oportunidade de observar-participar da vida escolar das crianças, criando relações com elas e refletindo sobre os seus diversos contextos subjetivos e sociais; o que nos levou à reflexão sobre presença do aparelho televisor ligado na sala referência, e a (não) relação deste com as práticas pedagógicas das professoras. Isso nos instigou a pensar sobre os possíveis motivos para o uso de telas na escola e as suas consequências no desenvolvimento de crianças, considerando a discussão teórica que tem sido feita sobre o assunto (RAMOS, 2024; NISHI, 2024).

Ao final, nós sentimos a necessidade de refletir sobre as formas do uso de tecnologia nas escolas, considerando que a cada dia os diversos recursos tecnológicos, como a tela, estão cada vez mais presentes no cotidiano das sociedades e, consequentemente, no cotidiano escolar.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Ao adentramos à sala referência, nós pudemos observar como funciona a rotina da turma, a relação entre as crianças e destas com as professoras e a escola. Nós também observamos as práticas pedagógicas das professoras e

profissional auxiliar durante a nossa estada na sala referência e demais espaços da escola.

Durante esse período, nós acompanhamos a turma de berçário; acompanhamento em que tivemos algum desconforto, dada a presença contínua da televisão que, ligada o tempo todo, podia ter relação ou não com as práticas pedagógicas das professoras. Por um lado, a televisão servia para “silenciar” as crianças com uma quantidade de estímulos visuais (vídeos de cores brilhantes) e auditivos (músicas altas), como se a TV fosse um meio de “hipnotizar” e deixar as crianças fixadas, olhando para a tela, mesmo que isso as deixasse de sem reação-interação com os chamados feitos pelas professoras que, para isso, tinham que entrar no campo visual das crianças se quisessem obter alguma resposta.

Todo este trabalho de inserção na escola girou em torno da pesquisa participante, cuja ação “supõe a interação pesquisador/pesquisado” (MARQUES, 2016). E pensando no contato direto com as crianças, essa pesquisa participativa partiu da realidade e das relações entre os sujeitos infantis, os validando como produtores de conhecimento (BRANDÃO, 2007). Assim, com essa abordagem, nós conseguimos pensar nas crianças como um sujeito que produz conhecimentos no contexto em que vivenciam, como a sala referência e demais espaços da escola. E com a nossa aproximação da turma, nos tornamos mais um sujeito dela e, com isso, nós nos inserimos no seu cotidiano.

Importante trazer que além das observações de práticas com a turma, nós também fizemos o uso de cadernos de registro, onde colocamos as nossas observações em cada ida na escola. Sobre esse registro, nós pensamos que é através dele e de suas constatações que podemos estruturar a reflexão (FREIRE, 1996). Dessa forma, “a observação é o início do estudo” (FREIRE, 1996 p.54), ou seja: quando observamos e registramos, iniciamos um processo de reflexão acerca do tema observado-registrado - reflexão que, por sua vez, pode oportunizar as práticas que são transformadoras de uma situação.

E foi com esse processo reflexivo que nós trouxemos o uso da TV ou das telas com as crianças bem pequenas no contexto escolar (crianças com cerca de um a dois anos de idade). Com isso, nós refletimos sobre os conteúdos contidos nos vídeos transmitidos, com a sua análise sugerindo que, até então, o uso de tela pode ser feito sem uma intencionalidade pedagógica específica do contexto de escolarização das crianças.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital, vinculado à Sociedade Brasileira de Pediatria, elaborou um Manual de Orientação relacionado ao uso de telas com crianças no ano de 2024; o que gerou um manual que recomenda a restrição do uso de telas para crianças de até dois anos de idade (restrição no sentido de que esse público não deve ser exposto a estímulos de tela). Já para as crianças de dois à cinco anos de idade, o contato com telas deve ocorrer no período de uma hora por dia (não mais).

A limitação desse contato se deve porque as crianças, nos seus primeiros anos de vida, estão desenvolvendo os seus processos mentais básicos, com o uso excessivo e/ou precoce de telas podendo ocasionar as chamadas “podas neurais” - essas podas são um processo que gera o cancelamento de sinapses neurais que são pouco utilizadas no cérebro das crianças (NISHI, 2024). Em outras palavras, o uso excessivo de telas por crianças pode aumentar essas podas, podendo ocasionar problemas no desenvolvimento da motricidade, da autonomia e até problemas emocionais - a exposição excessiva a telas faz com

que crianças desenvolvam menos sinapses neurais e/ou que estas não se desenvolvam da forma esperada.

Além das podas neurais, o uso excessivo de telas pode ocasionar outros problemas, dentre eles a alteração da “empatia, a capacidade de compreender e compartilhar os sentimentos dos outros” (RAMOS, 2024 p.18). Mesmo assim, diante da possibilidade de problemas, nós percebemos que é comum que crianças muito novas, como as do berçário escolar, tenham o seu primeiro contato com as telas quando usam a TV (RAMOS, 2024) e, por isso, cabe às professoras e demais profissionais de educação (re)pensar esse uso no contexto escolar.

Nós sabemos, como citado anteriormente, que as crianças podem ser sujeitos produtores de conhecimento com/sobre um contexto e, nesse sentido, elas levam as suas vivências, na forma de conhecimentos, aos espaços da escola. Sendo assim, nós precisamos pensar qual é o acesso e a relação das crianças com as telas quando estão em casa, buscando um “um meio termo” ou um equilíbrio entre o uso habitual e familiar de telas e as outras formas de explorar o ambiente e brincar, proporcionando um repertório mais diverso e propício ao desenvolvimento infantil - “meio termo” ou equilíbrio necessário, já que não apenas familiares e cuidadoras(es), mas a sociedade em geral faz cada vez mais uso de tecnologia e, com isso, de telas em diferentes formatos e contextos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazer a pesquisa-ação, nós propomos que as observações participantes podem colaborar com os conhecimentos sobre o desenvolvimento de crianças. A partir das nossas reflexões, nós (re)pensamos as formas de aliar a tecnologia com as práticas pedagógicas, a exemplo dos recursos tecnológicos que produzem estímulos ambientais, como músicas, no apoio da aprendizagem escolas - aqui, as telas podem ser relacionadas às práticas pedagógicas, auxiliando as crianças maiores na interação, imaginação, criação e exploração.

Utilizar o aparelho para expor fotos da turma, para que eles se vejam nas práticas que produzem na escola, apresentar imagens reais de animais, objetos, pessoas, lugares, pode contribuir para enriquecer o repertório cultural de crianças em um contexto pedagógico planejado e intencional. Assim, as telas podem apoiar na exploração de músicas, desenhos ou jogos educativos, potencializando o uso da TV no contexto escolar, ressaltando as recomendações e restrições do uso de tela em cada idade.

Diante do que foi apresentado, nós pensamos que as professoras podem usar a tecnologia na sala referência, mas sempre com uma intencionalidade pedagógica (sem automatismos ou ocupação por ocupar). A tela, como um recurso visual bem contextualizado e usado, pode auxiliar nos processos de aprendizagem escolar, mas ela não deve funcionar como uma “hipnose” que priva as crianças das diversas experiências que constituem o contexto escolar, como a exploração do próprio corpo, da imaginação e das inúmeras materialidades sensíveis do mundo ao seu redor.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. **A pesquisa participante – um momento da educação popular.** 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

FREIRE, Madalena Weffort. **Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I**. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

MARQUES, Janote Pires. A "observação participante" na pesquisa de campo em Educação. **Educação em Foco**, ano 19, n. 28, p. 263-284, mai./ago. 2016.

NISHI, Sandra Sayuri; SILVA, Diego da. As consequências emocionais da exposição de telas digitais em crianças de 2 a 6 anos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 9, n. 7, p. 157-171, jul. 2024.

RAMOS, Luana Correia; SANTOS, Rita de Cássia Ferreira dos. **A influência da tecnologia no desenvolvimento infantil: uma investigação sobre os efeitos do uso das telas digitais**. 2024. 52 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital. **Manual de Orientação: #Menos telas #Mais Saúde – atualização 2024**. Rio de Janeiro: SBP, 2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.